

André Gustavo

Brasil Político O novo discurso

11 ABR 1986

para os credores

A fala do ministro Dilson Funaro, da Fazenda, em Washington, redime o País de tanta ignomínia que foi nos últimos anos cometida em seu nome. Elegante nos gestos e incisivo nos adjetivos, o representante brasileiro foi enfático ao afirmar que o País paga a cada sete anos o equivalente ao total de sua dívida externa. Ele pode dizer isso — porque a estabilização monetária foi um sucesso e o País dispõe de recursos em caixa para enfrentar eventuais flutuações do mercado.

Do ponto de vista político, no entanto, a fala do ministro da Fazenda ganha contornos de uma absoluta novidade. O Brasil é, dentre a relação dos países endividados, o único que renegociou os seus débitos diretamente com os bancos credores, contornou a assessoria do Fundo Monetário Internacional e ultrapassou as piores previsões. Ao contrário dos preságios, o Brasil chegou ao final do primeiro trimestre com um surpreendentemente elevado **superávit** no balanço comercial, 35% superior a igual período no ano passado.

Essa linha delirante e inovadora perseguida pelos brasileiros aponta na direção de novidades ainda maiores. A ortodoxia foi deixada à margem, novos métodos e maneiras de tratar o fenômeno inflacionário foram introduzidos, além de uma política de comércio agressiva. O resultado é que num horizonte de economias em crise, de recessão e depressão latino-americana, o Brasil está em condições de afrontar e confrontar o sistema financeiro internacional. Tudo isso pode ser uma breve ilusão, mas o fato é que o ministro da Fazenda disse coisas pesadas, ao passar pela Rua 18, em Washington, onde está localizada a sede do Fundo Monetário Internacional.

Mais peculiar ainda é que o País tenha conseguido reverter algumas de suas tragédias anunciadas através de procedimentos muito simples, talvez até ingênuos — como é o caso do congelamento de preços. O efeito interno das declarações e da postura de Funaro provocam enorme impacto político. Visto pelo lado do credor, a postura brasileira, além de profundamente agressiva, insinua um caminho novo que ainda não havia sido percebido pela potência hegemônica. As contas externas vão se arrumando e encontrando a sua lógica. Só não mudou o **status** brasileiro de país exportador de capital. Contra isso se levanta o ministro da Fazenda.

Neste contexto o Brasil vai se tornando uma novidade muito importante — porque desafiou especialistas e criou o programa do álcool, sofrendo duros efeitos da elevação do preço internacional do petróleo. A isso some-se a elevação das taxas de juros internacionais e o crescente protecionismo originário dos países industrializados. Hoje os preços internacionais do petróleo a ponto de prejudicar a Petrobrás, as taxas de juros se reduziram e a indústria nacional demonstra apetite e capacidade para agredir o mercado externo, crescendo de um ano para outro 35% — o que é uma marca invejável.

A postura do ministro da Fazenda, que corresponde ao procedimento do presidente da República, evidencia uma nova relação com os países industrializados. Será interessante observar os próximos passos dessa escalada. O Brasil não é a Nicarágua, nem tem **contras** lutando dentro de seu território. O cenário do confronto é Wall Street ou Lexington Avenue e a pugna ocorre em escritórios extremamente bem decorados, com vista para East River. A sofisticação do confronto a ele empresta também uma elevada dose de risco, pois um passo em falso representa prejuízo grosso e maior dominação do País pelo capital estrangeiro.

A luta pela autonomia e autodeterminação não é apenas retórica. Ela possui uma faceta prática, que se expressa na dura posição brasileira anunciada diante dos credores, temperada pelo desafio ao FMI e aos países industrializados no sentido de que auxiliem a reorganização da economia mundial. O confronto econômico, como sempre, permite negociações políticas de vários matizes. Mas em termos de relacionamento entre país periférico e país central, o Brasil está dando um passo à frente no sentido de adquirir uma nova posição, mais responsável, mais séria e, por tudo isso, muito mais exposta.